

INTERNET E REDES SOCIAIS

TUDO O QUE VEM À REDE É PEIXE?

Autores

Sara Pereira, Luís Pereira, Manuel Pinto

Design & Ilustração
Pedro Mota Teixeira



INTERNET E REDES SOCIAIS

TUDO O QUE VEM À REDE É PEIXE?

Autores

Sara Pereira, Luís Pereira, Manuel Pinto

Design & Ilustração

Pedro Mota Teixeira

Edição 2011

EDUMEDIA - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Tiragem

1000

ISBN

978-989-95500-9-4

Execução gráfica

Diário do Minho

Agradecimento

Alunos do ano lectivo 20010/11 das escolas E.B. 2,3 de Lamaçães; E.B. 2,3 de Nogueira (Braga), E.B. 2,3 Gonçalo Nunes (Barcelos) e Escola Secundária de Vila Verde, pela participação com os desenhos.

Apoio



Universidade do Minho



Apresentação

As Redes Sociais, em destaque neste *booklet*, encerram uma colecção de três brochuras que tiveram as gerações mais jovens e os media como pretexto de reflexão. Depois da televisão e dos videojogos, surge agora esta temática, tão presente hoje nos quotidianos de um número significativo de pessoas.

O objectivo que norteia esta publicação vai ao encontro dos propósitos que orientaram os *booklets* 'Como TVer' e 'Videojogos – saltar para outro nível', ou seja, pretende fornecer aos pais, e outros educadores, informação acerca da relação dos mais novos com os meios de comunicação, no sentido de promover uma relação e um uso mais crítico e criterioso.

Nos últimos tempos, tem-se assistido a um crescimento exponencial do uso das redes sociais, sendo inegável o seu

impacto no processo de socialização e de comunicação dos públicos que as utilizam. Tal como acontece com os meios de comunicação tradicionais, não interessa olhá-las de costas voltadas e com desconfiança, uma atitude desta natureza só poderá levar a desperdiçar um recurso e um meio de presença inegável na vida quotidiana.

Por outro lado, questionarmo-nos sobre o impacto que esta actividade acaba por ter na nossa vida pessoal, e na sociedade em geral, de forma especial na vivência dos mais novos, será uma excelente forma de maximizar o proveito do potencial das redes sociais. É este o contributo que se espera dar com este *booklet* que, juntamente com os anteriores, é o resultado de um projecto de Educação para os Media premiado em 2009 pela *Evens Foundation* (Bélgica).



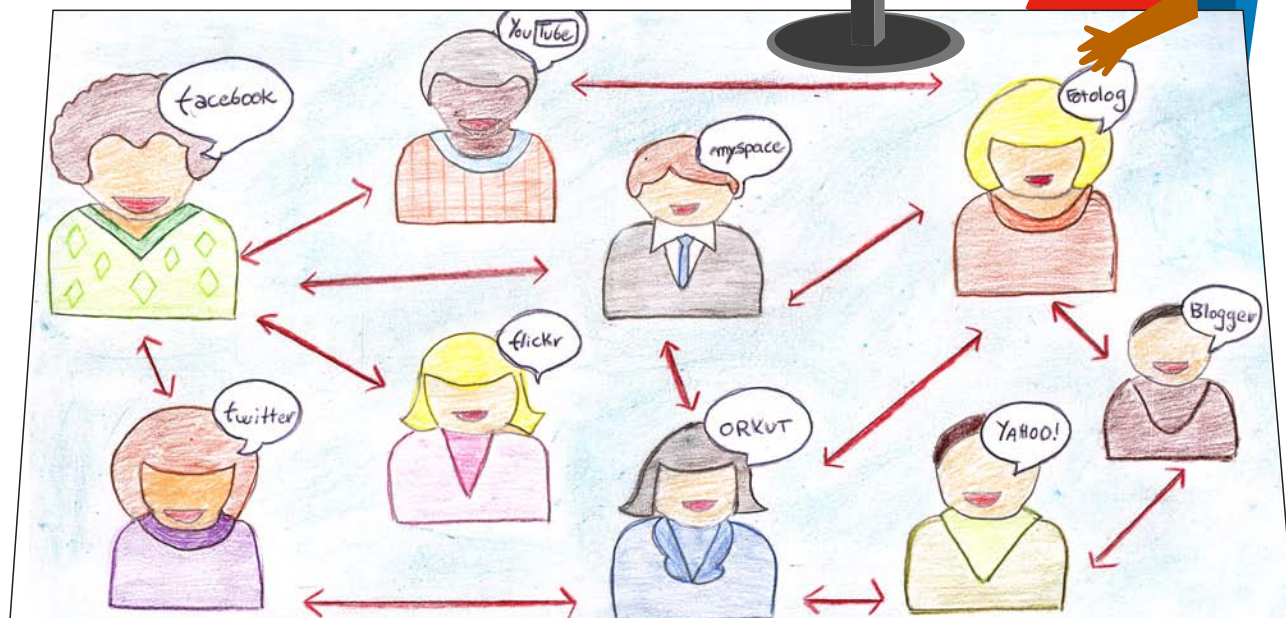
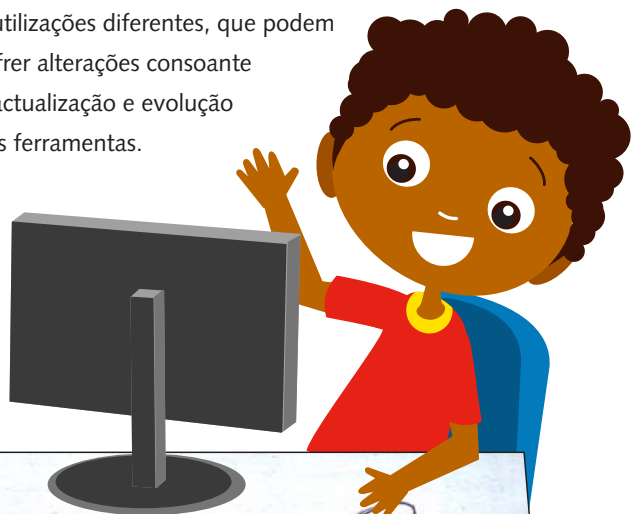
O que são as redes sociais?

A ideia de 'rede social' não é nova nem actual, na verdade, é um conceito usado há já mais de um século para designar as relações estabelecidas entre elementos de um determinado sistema social.

Mais recentemente, ouvimos falar deste conceito aplicado à internet, querendo o mesmo significar uma estrutura constituída por pessoas ou organizações que partilham interesses, motivações, valores e objectivos comuns. Este sistema de rede é criado e mantido através da comunicação partilhada pelos seus membros.

Para alguns estudiosos, as redes sociais enquadram-se num conceito mais amplo de 'media sociais', pretendendo destacar a interacção e a intervenção das pessoas. Neste trabalho,

considerando o uso do termos "redes sociais" na língua portuguesa, seguimos esta designação para englobar todos os meios. Temos, no entanto, presente que têm finalidades e utilizações diferentes, que podem sofrer alterações consoante a actualização e evolução das ferramentas.



Marta, 11 anos

Tempo e utilizadores das redes sociais

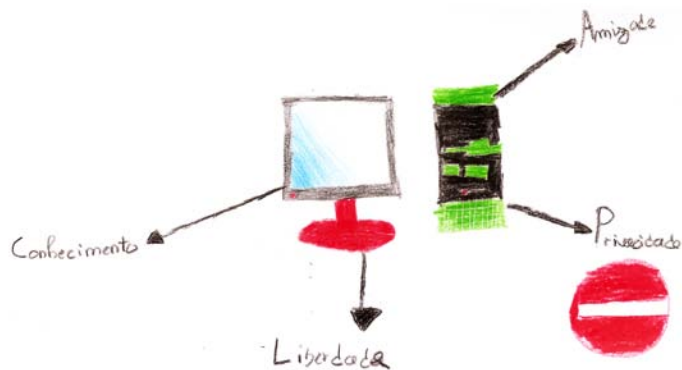
Os dados de vários estudos europeus têm mostrado que, na última década, a internet foi incorporada nas rotinas da vida quotidiana das crianças de muitos países da Europa Ocidental.

De acordo com o *Netpanel* da *Marktest*, no primeiro semestre de 2010, 3025 mil residentes no Continente com 4 e mais anos acederam a partir dos seus lares ao site do *Facebook*, um número que representa 73.5% dos internautas nacionais e 87.7% daqueles que navegaram em suas casas naquele período. A análise mostra que os jovens dos 15 aos 24 anos são os que apresentam maior afinidade com estes sites. Nesta faixa etária, são 88.7% os que acederam a sites sociais naquele período, enquanto na faixa dos 4-14 anos são 81,1%.

A par destes dados de audiência, as pesquisas nesta área têm mostrado a importância das redes sociais e da internet na vida dos mais jovens.

De acordo com o estudo americano *Generation M2: Media in the Lives of 8- to 18-Year-Olds* (2010), o acesso a redes sociais como o *Facebook* e o *Myspace* é a actividade preferida dos jovens entre os 8 e os 18 anos. O estudo conclui que, diariamente, 40% dos jovens acede a um site de redes sociais dedicando-lhes quase uma hora por dia, em média.

Em Portugal, o estudo *Crianças e Internet: Usos e Representações, a Família e a Escola, de 2010*, coordenado pela investigadora Ana N. Almeida, mostra que os sites mais visitados por 85% dos jovens inquiridos são páginas de vídeos e que quase 66% utilizam a internet para publicar



Fábio, 13 anos



Mariana, 13 anos

textos, imagens, música ou vídeos em blogs ou em perfis de redes sociais.

Estes dados mostram e comprovam que a comunicação através da internet constitui uma actividade importante do quotidiano das gerações mais novas, estando actualmente no topo das suas actividades preferidas. Perante esta realidade, o importante será aprender a lidar com a mesma, para se conseguir tirar o máximo de proveito para a qualidade de vida das crianças e jovens. Como diz o provérbio popular: “mais vale acender uma vela do que maldizer a escuridão”.

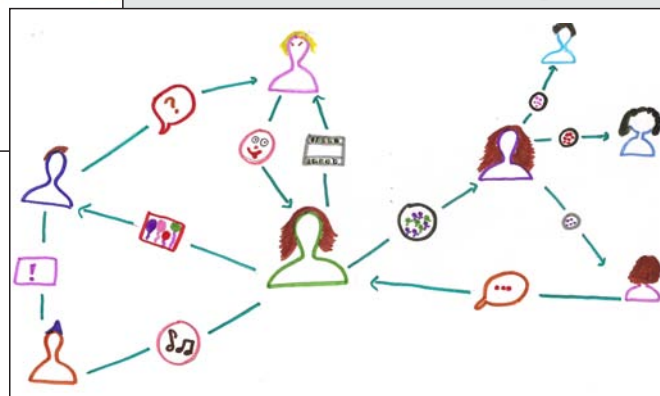
O impacto dos meios digitais

Relativamente à influência da internet em geral, e das redes sociais em particular, na vida das pessoas, nomeadamente dos mais novos, é frequente encontrar uma visão dividida entre uma perspectiva pessimista, baseada numa visão simplista de pânico moral, e uma perspectiva otimista, que tece elogios maravilhosos, de algum modo, ingénuos às tecnologias. Ora, quer uma quer outra perspectiva apresentam-nos visões distorcidas desta realidade. É importante, e desejável, encontrar uma visão de meio-termo, mais equilibrada, que considere e pondere eventuais riscos e possíveis desafios e potencialidades.

Há autores que sugerem que os meios digitais, como a internet, têm um impacto muito maior que qualquer outro

meio na forma como as crianças lêem, aprendem, comunicam e se relacionam com os outros e com o mundo. No entanto, é preciso ter presente que a comunicação e as relações virtuais das crianças moldam e são moldadas pelas práticas e rotinas da vida quotidiana. Ou seja, a interação com estes meios não ocorre no vazio. Os contextos são fundamentais e os instrumentos, bem como as competências, para enfrentar a realidade serão meios transferíveis para lidar com a internet e as redes sociais. Ou seja, formar eficazmente para uma utilização crítica das redes sociais passa, antes de mais, por educar as crianças num sentido muito mais amplo do que numa perspectiva meramente tecnológica.

Hugo, 12 anos



Rita, 14 anos

As redes sociais e a evolução tecnológica

As redes sociais, tal como as conhecemos presentemente, existem porque a ligação da internet está mais facilitada, nomeadamente através dos dispositivos móveis, e porque os aparelhos tecnológicos estão mais generalizados. Havendo cada vez mais utilizadores da internet aumenta naturalmente o potencial de utilizadores destes *sites*. Para além disso, o *Twitter*, por exemplo, sem os telemóveis com acesso à Web não teria, provavelmente, o mesmo impacto.

Por outro lado, as redes sociais influenciam o desenvolvimento da própria internet e da tecnologia. Pode-se observar que diversos produtos se promovem fazendo menção à facilidade da sua utilização.

Mas as redes sociais têm operado outras mudanças na própria forma como se vê a internet. Já nesta década, cunhou-se um termo - "Web 2.0" – que procurava sublinhar a importância e o contributo que o utilizador tinha na construção da informação que circula através da internet. Um dos símbolos desta ideia é, por exemplo, a *Wikipédia*, a enciclopédia para a qual todos podem contribuir, e não apenas os "experts".

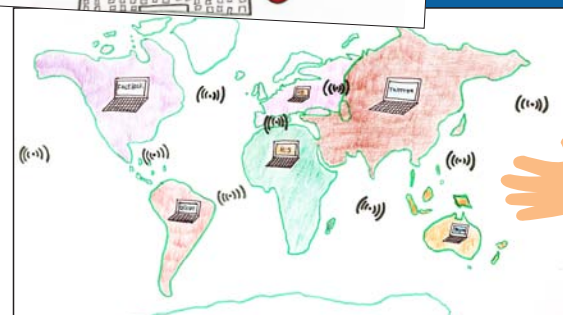
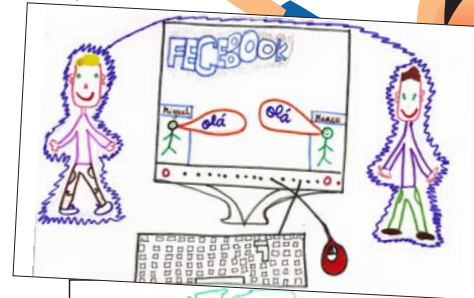
A própria construção dos sites sofreu alterações significativas. A ideia de colocar a última informação no topo é hoje relativamente usual em grande parte dos *sites*, mas vulgarizou-se com a criação e utilização dos blogues. Já o *Facebook* teve a originalidade de trazer para o espaço de cada um informações de outras pessoas, graças à tecnologia dos *Feeds*. O *Twitter* tem a marca de ambos, com a nuance de limitar o espaço de publicação a 140 caracteres, por isso lhe chamam "microblogging".

Sobretudo nos últimos tempos, são raros os *sites* que não procurem algum tipo de interação com os visitantes com o seu espaço: ora convidando os utilizadores a colocar um comentário, ou, então, a fazer-se seguidor ou "amigo" em alguma rede social, etc.

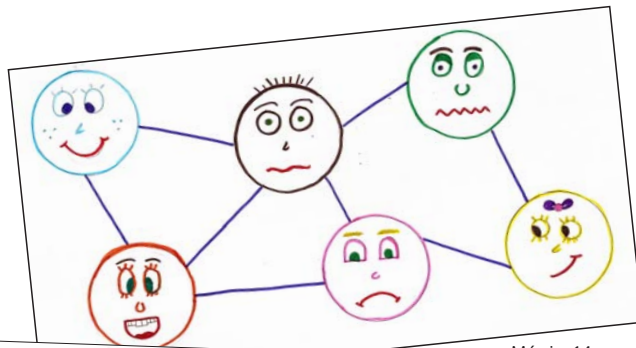
Miguel, 11 anos



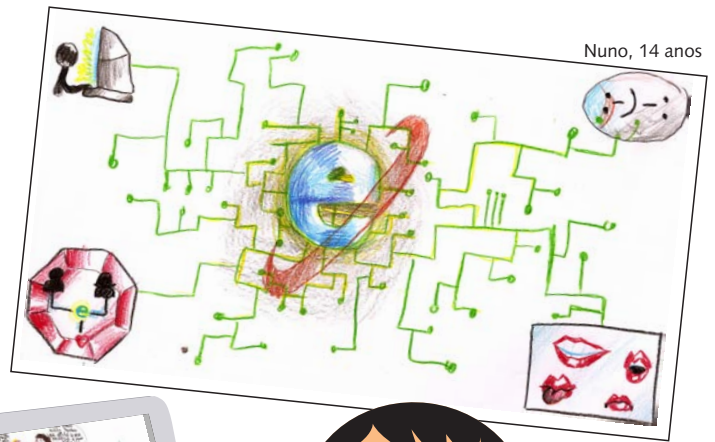
Bruno, 13 anos



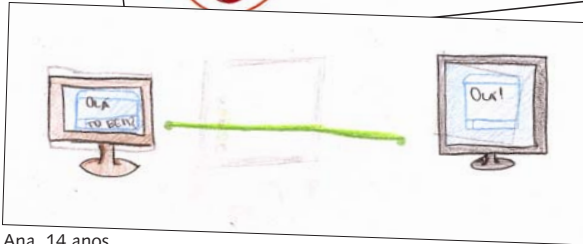
Inês, 14 anos



Márcia, 14 anos



Nuno, 14 anos



Ana, 14 anos



Paula, 12 anos

Redes sociais: simples moda ou novas formas de comunicar?

As pesquisas existentes nesta área indicam que as redes sociais têm sofrido um crescimento exponencial nos últimos anos e que a tendência é para que cresça e se intensifique a sua utilização. Alguns autores defendem que a internet pode fortalecer a participação da e na sociedade, pelo facto de criar, abrir e permitir mais e novos contextos de envolvimento e de mobilização social.

No entanto, o facto de a internet oferecer mais oportunidades para comunicar e para participar, não significa que os níveis de participação dos cidadãos aumentem. É necessário que os jovens sejam incentivados a expressar as suas opiniões e que aprendam a fazê-lo. A escola, a família, as bibliotecas, associações cívicas e até os grupos de pares têm aqui um papel fundamental a desempenhar.

Há uma questão que importa colocar a cada momento: para além do arsenal tecnológico que permite a criação e manutenção destas redes, comunicamos realmente melhor? A qualidade da nossa comunicação é um critério-chave para aferir da utilidade e da qualidade de uso das redes sociais na vida de cada um. Caso a resposta seja negativa, uma certa ideia de que a internet proporciona uma navegação por mares infindáveis de informação e de contactos revela-se afinal enganadora, pois determinados usos podem demonstrar que se pode encastrar em areias movediças ou imergir em terrenos pantanosos.

Privacidade e identidade: a partilha de dados e a segurança

Muitas vezes o anonimato permitido pela internet leva a que as pessoas se escondam por detrás do mesmo. Nas redes sociais, geralmente há uma identidade conhecida por detrás dos vários conteúdos partilhados. Como se sabe, os adolescentes gostam de comunicar com os amigos em espaços e de uma forma que não sejam influenciados pelos adultos ou que não tenham a sua interferência ou supervisão. As redes sociais permitem a muitos jovens esta 'invisibilidade' perante a sua família.

No entanto, é importante que compreendam que as mensagens que publicam por este meio podem ser lidas por um público vasto quase instantaneamente e que as mesmas não devem pôr em causa a privacidade nem a identidade de outros. Os conteúdos publicados podem permanecer disponíveis na internet mesmo que posteriormente sejam removidos do *site* onde foram publicados.

Tal como na vida quotidiana, na internet também há normas e princípios éticos no relacionamento com outras pessoas. Quem comunica *online* deve sentir-se responsável pelas suas acções, tal como acontece na comunicação *offline*.

É importante que os pais convoquem para a vida virtual dos seus filhos as suas capacidades de educadores, conversando com eles sobre as consequências que o não respeito pela privacidade e pela identidade do outro pode trazer para as pessoas envolvidas. A preservação de dados pessoais e de informação privada é também um aspecto fundamental a que os jovens devem prestar atenção para uma utilização segura e mais eficaz da internet.



Contudo, não é fácil estabelecer um diálogo desta natureza, por variadíssimos motivos. Os pais nem sempre se sentem à-vontade com as tecnologias, para além disso, são as próprias crianças que associam uma certa iliteracia digital aos mais velhos e, conseqüentemente, uma falta de "autoridade tecnológica" para abordar certos assuntos. E acontece ainda que o discurso que os adultos procuram passar às crianças está, por vezes, 'ferido de morte' pois são estes quem, com frequência, revela mais dados pessoais, através de fotografias ou da partilha de outro género de conteúdos de elevada intimidade. Surgiu há pouco tempo um estudo, da responsabilidade de uma empresa de programas de protecção de computadores (AVG), que mostrava que pais, tios e avós publicavam fotografias dos seus bebés, de modo que, nos 10 países estudados, 82% das crianças já tinham fotografias suas na internet antes dos dois anos de idade.

Mas as redes sociais vivem disto mesmo, de colocarmos na esfera pública assuntos e conteúdos que outrora se partilhavam num ambiente mais privado e restrito.

Conviver com a tensão do que é partilhável ou não obriga a estabelecer fronteiras e a pensar para além do momento presente. Este é um desafio para reflectir com as crianças e promover uma conversa franca pode ser uma excelente estratégia de intervenção. Esta é, aliás, uma reflexão que as redes sociais têm trazido a vários ambientes, como o Parlamento, os tribunais, os clubes de futebol, entre muitos outros.

A pesquisa e a utilização de informação e de conteúdos multimédia

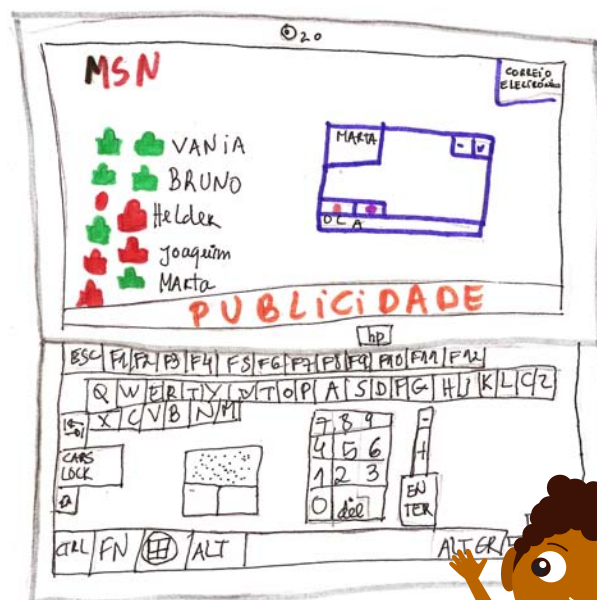
Muitas das tarefas que temos podem ser facilitadas pelas redes sociais. Divulgar uma iniciativa, apelar para uma causa, recordar o aniversário de uma pessoa, procurar emprego, acompanhar a actualidade, partilhar fotografias ou estados de espírito são apenas algumas das utilizações que nos permitem. A rede de contactos que se vai construindo pode ser útil para estes e outros fins.

Por outro lado, questões de direitos de autor, ou até do impacto das informações partilhadas, são aspectos que nem sempre parecem devidamente acautelados, mas é importante arranjar mecanismos de filtragem e de hierarquização. Não é pelo simples facto de estar na internet que uma determinada informação é verdadeira ou fiável. Cada vez mais, é fundamental reconhecer as fontes, saber qual o seu valor para o fim para que estamos a utilizar e, naturalmente, referir a proveniência.

Se para a realização de um trabalho de carácter científico que recorra à internet para recolha de informações, as regras de referência e as fontes obedecem a um código mais ou menos explícito, a publicação de conteúdos nas redes sociais também deve ter em conta a autoria e a veracidade das mensagens que estamos a veicular. Ao reconhecermos o potencial das redes para difundir e partilhar ideias, poderá ser pernicioso usá-las para manipular conteúdos ou como meros veículos desse tipo de mensagens.

Neste âmbito, é fundamental aprender boas formas de procurar e de pesquisar, aprender quando confiar nas fontes de informação, saber que o primeiro resultado apresentado

pelo motor de busca não nos revela tudo sobre o tema em análise, que é necessário confrontar as fontes de informação, que estas devem ser diversificadas e que não se esgotam em pesquisas na internet. É importante considerar estes aspectos desde cedo e ajudar as crianças a aplicá-los aos trabalhos que executam, seja para a actividade escolar mais sucinto ou para um projecto em grupo.



Nelson, 12 anos



Redes sociais, participação e cidadania

Não há ainda resultados conclusivos sobre a influência da internet em relação à participação dos cidadãos. Há estudos que mostram que a internet pode não ter um impacto directo e linear na participação cívica dos jovens, revelando que há outras variáveis em jogo, como a forma como usam os meios, os seus interesses, as suas motivações, bem como o papel e a importância dos media nas suas vidas.

Alguns estudos indicam que os jovens que usam a internet principalmente como meio de informação, tendem a ter níveis mais elevados de participação, enquanto os que a usam sobretudo como forma de entretenimento revelam um menor envolvimento cívico.

Em todo o caso, há algum consenso relativamente à ideia de que a internet tem um grande potencial para fomentar a participação das pessoas, mesmo que as actividades dominantes no ciberespaço sejam comerciais ou de entretenimento.



Débora, 15 anos



Afonso, 12 anos



Joana, 14 anos

As escolas, sendo um espaço de cidadania por excelência, podem desempenhar um papel importante a este nível, incentivando à participação na e através da internet. Por vezes os jovens têm *Facebook* mas não usam fóruns de discussão ou blogues, nem tão pouco são muito bons a comunicar através do email. Portanto, é também da capacidade de comunicação que estamos a falar.

A literacia digital como parte da participação cívica pode contribuir para uma maior qualidade de vida porque ajuda as pessoas a compreender como é que a comunicação e a informação são construídas e apresentadas, ajudando a criar e a retirar sentido do mundo.

Combater o excesso, o vício e a alienação



Carla, 11 anos

Há actividades que são perfeitamente contáveis, que têm um início e um fim. Ler um livro, ver televisão ou jogar um videojogo pode ser limitado a um determinado espaço de tempo. Já nas redes sociais pode não ser tão fácil gerir isso. Por exemplo, um telemóvel com acesso à internet permite interagir 24 horas por dia, respondendo a mensagens ou a comentários, sempre que estes surjam. Daí até se afirmar que alguém passa o dia todo nas redes sociais pode-se incorrer num logro. Por aqui se vê que o desafio para os educadores, nomeadamente para os pais, aumenta. Em primeiro lugar, a pressão para se pertencer a uma rede é enorme. Há alguns casos, até portugueses (por exemplo, 'Escolinhas' e 'Kuska') que criaram sistemas com um maior grau de protecção. As redes mais usuais têm um sistema de barramento para menores de uma certa idade. Mas isso é facilmente contornável com uma simples alteração da data de nascimento.

Mas qual será a idade ideal para se deixar uma criança criar o espaço no Hi5 ou no Facebook? Não há uma resposta óbvia e seria importante que essa decisão dependesse de algum tipo de negociação com a família.

E, depois de criado, é importante que os educadores continuem o processo de mediação, sendo que a linha que o separa da intromissão ou do policiamento – pelo menos na representação das crianças – pode ser ténue. A relação de proximidade e de confiança que se procura estabelecer com as crianças será, não para este assunto mas para tudo o resto, a chave.

Ainda na gestão do tempo de utilização, um aspecto a ter em conta é se a forma de viver as relações e a amizade virtualmente não se substitui ao contacto pessoal. Os ritmos de vida provocam muitas vezes o isolamento das crianças que é quebrado através destas novas redes. Mas é importante detectar sinais de utilização excessiva desta forma de interagir com o mundo e com as pessoas que podem criar muros na relação com as pessoas de quem estamos mais próximos fisicamente. Estas novas formas de expressão podem ser veículos para se manifestar a capacidade criativa mas podem também converter-se em espaços em que não há respeito pela identidade dos outros ou em que há quebra dos direitos humanos. Em situação de ofensas, calúnia, divulgação de actos de violência, é importante responsabilizar os seus autores ou cúmplices, fazendo-os ver o quão prejudicial pode ser para as pessoas visadas.

Sugestões para as famílias

É frequente encontrar, em programas ou guias para um uso seguro da internet, conselhos que visam o controlo e a supervisão por parte dos pais, por exemplo, manter o computador numa parte comum da casa de forma a que o ecrã possa sempre ser visto ou consultar no computador o histórico dos *sites* visitados pelas crianças. Há também programas de *software* que permitem aos pais bloquear o acesso a certos *sites* web.

A supervisão por parte das famílias é importante, mas é desejável que se baseie no acompanhamento e no diálogo, para ser mais eficaz. Que se preocupe com a protecção, mas que aposte sobretudo na capacitação, para que as crianças e os jovens aprendam a lidar com este meio de forma saudável e segura.

- **Capacitar para proteger:** conversar sobre o tempo que se passa na internet e levar as crianças a tomar consciência disso; reflectir sobre as imagens e os comentários que se publicam; sobre os riscos da exposição pessoal nestes espaços; sobre os princípios da identidade e da privacidade, sobre a violência ou o *ciberbullying*, entre outros assuntos, poderá ajudar os mais novos a tomarem consciência da presença e do impacto destes meios nas suas vidas.

- **Entrar nas redes em que estão as crianças:** para acompanhar as actividades dos mais novos nas redes sociais, sugere-se muitas vezes que os pais criem um espaço nessas redes e acompanhem as actividades e os amigos dos seus educandos. Naturalmente, isso não está acessível a todos os pais, para além disso, os filhos podem não gostar de ver o seu espaço invadido. Por outro lado, pode ser uma forma diferente de interacção e de expressão entre pais e filhos e um modo interessante de conhecer os seus amigos, de saber sobre o que conversam e de os conhecer de outro modo.

- **Procurar conhecer a realidade das redes sociais:** a internet faz parte da vida das crianças e o desafio que se coloca aos adultos é conhecer esse universo. Como se viu neste livro, esta é uma realidade em mutação, e isso pode dificultar o acompanhamento e a evolução. Mas, quem de facto interiorizar que é importante estar atento a este fenómeno, rapidamente se aperceberá da quantidade de notícias sobre as redes sociais. Acompanhar a actualidade ajuda a conhecer melhor este fenómeno.

- **Criar ou promover a participação das crianças em actividades que favoreçam o contacto pessoal:** com a parafernália tecnológica que muitas pessoas têm à sua disposição, é muito fácil que as crianças e os jovens se apeguem em demasia a esses objectos. Apesar de nem sempre ser fácil, é importante promover actividades em que eles se “dispam” da tecnologia e estabeleçam um tipo de relação não mediada por ecrãs com os seus colegas e amigos. Sair de casa para um passeio, jogar à bola, andar de bicicleta ou de patins, conversar numa esplanada, ou noutra local aberto, em vez de numa janela do computador, são actividades saudáveis cuja prática deve ser incentivada.

Sugestões para a escola e para os professores

- **Colocar este assunto na agenda das actividades da escola:** é mais fácil falar dos perigos, informar sobre as consequências negativas; mas é igualmente importante sublinhar a importância da criatividade, da participação, da cidadania. O discurso da perigosidade costuma tocar facilmente os adultos, e é importante, de facto. Já a vertente de capacitação e de alfabetização digital tende a ocupar um lugar de menor destaque, até porque se constrói uma ideia de que as crianças “já sabem tudo”.
- **Gerir as dimensões pessoal e profissional:** pode um professor ser ‘amigo’ dos seus alunos no *Facebook*? Será adequado um professor agregar alunos aos seus contactos do *Facebook* (ou noutros)? Estas questões devem ser previamente avaliadas para evitar intromissões indesejáveis na vida pessoal, tanto do professor como dos alunos.
- **Comunicar e trocar informação:** as redes sociais podem ser, por outro lado, um veículo privilegiado para deixar avisos; fazer sugestões, por exemplo culturais (música, cinema, visitas); estimular a criatividade e a comunicação. Naturalmente, implica tempo da parte do docente e é importante estabelecer algumas regras, nomeadamente no que toca a horários e assuntos que se abordam.
- **Utilizar as redes nas actividades lectivas:** para além de plataformas específicas para a educação, com criatividade, podem ser realizadas algumas actividades que melhorem o processo de ensino e aprendizagem, por exemplo o *role playing game* (jogo do faz de conta). As redes sociais podem ser usadas de forma vantajosa para a troca de informações e a disponibilização de recursos.
- **Diversificar os usos e consumos:** relacionado com o ponto anterior, as redes mais conhecidas são muitas vezes as únicas a que as crianças acedem. É importante ajudar a diversificar o conhecimento das ferramentas e explicar quais as especificidades de cada uma.
- **Valorizar esta actividade e ajudar a reflectir sobre o seu impacto na vida das crianças:** muitas vezes os professores não vêem os media como meios para serem pensados, discutidos ou utilizados. O facto de os colocarem numa esfera da vida ligada ao entretenimento, à diversão e ao tempo livre, leva-os a não considerarem a presença e o poder que têm no processo de socialização, ou seja, na formação pessoal, social e cultural dos alunos. Conhecer as práticas mediáticas das crianças, tornar este assunto objecto de reflexão e de discussão na turma, falar sobre o que fazem na internet, saber que *sites* visitam e ouvir o que elas têm a dizer, serão óptimas estratégias para a formação de consumidores mais informados e esclarecidos.